

Crianças de Kanafani: vítimas da colônia, protagonistas do retorno

VITOR TORRES

Resenha: KANAFANI, Ghassan. **Filhos da Palestina**: retorno a Haifa e outros contos. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.

Após quase seis meses do acirramento do genocídio palestino – que é parte de um processo colonial de, ao menos oficialmente, 76 anos¹ – os bombardeios e demais ações militares israelenses já vitimaram fatalmente 30 mil palestinos, enquanto outros 70 mil se encontram mutilados de alguma maneira. Um fato, porém, torna esse terror ainda mais abominável: cerca 13 mil dessas vítimas fatais são crianças.²

Em meio aos discursos da mídia hegemônica, que demarcam historicamente o 7 de outubro de 2023³ enquanto ponto de partida e justificativa dos bombardeios, deslocamentos forçados e

1 Apesar da fundação do Estado de Israel se dar em 1948, os esforços de colonização da Palestina histórica sob a lógica do sionismo se iniciam sob o Mandato Britânico na Palestina, em 1920. 1948, portanto, marca a independência do Estado de Israel e seu reconhecimento pela comunidade internacional. Na guerra para a consolidação de seu território, que se estende por um ano, decorre a tomada de considerável parte das terras palestinas e remoção de seus habitantes, fato que ficou conhecido pelos palestinos como Nakba, que tem como significado, “catástrofe”.

2 As exigências de Israel sobre reféns em Gaza em ultimato ao Hamas. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nkyqjlk0yo>.

3 No dia 7 de outubro de 2023, em retaliação à expulsão de vinte famílias palestinas residentes em Jerusalém oriental, a organização política e militar palestina Hamas realizou uma série de ataques em cidades israelitas. Incursoes militares terrestres se limitaram às cidades próximas à fronteira de Gaza, já os ataques se utilizando do lançamento de foguetes atingiram cidades mais distantes, como Telavive.

VITOR TORRES

Vitor Torres, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS – UECE). vitor.mendonca@aluno.uece.br

destruição de quaisquer possibilidades de vida, que caracterizam o etnocídio contra o povo palestino, os contos de Kanafani demonstram a longa duração e as repetidas tragédias há muito experienciadas pelas crianças palestinas, fatos que impactam seu desenvolvimento e formação psíquica, isso quando não interrompem suas vidas ainda na infância.

A publicação “Filhos da Palestina: retorno a Haifa e outros contos” (Editora Lavrapalavra) traz a compilação de quinze histórias de autoria do escritor palestino Ghassan Kanafani. Nelas, as crianças palestinas são ao mesmo tempo vítimas e protagonistas de ações de resistência, conflitos geracionais, permanentes danos físicos e psicológicos, e claro, da fagulha de esperança de uma geração que apesar da força bélica dos exércitos e milícias da ocupação, vê a videira florescendo, com caules fortes e firmes (KANAFANI, 2022, p. 173) que lhes dão forças para retomar tudo aquilo que foi violentamente usurpado.

Demonstrando a complexidade e brutalidade do processo de conquista e tomada de terras que formou e sustenta a dominação israelita na Palestina histórica, os contos compilados se passam em momentos históricos chave desse processo. Se alternando principalmente entre 1948 e 1967,⁴ o autor expressa o caráter contínuo da Nakba na vida da população palestina que, para além do trauma da expulsão dos territórios onde constituíram seus laços comunitários e atividades produtivas, convivem constantemente com humilhações e massacres protagonizados pelos agentes da ocupação, sejam civis ou militares.

Mais do que uma apreciação conto por conto, realizaremos, para uma melhor exposição do esforço imagético e narrativo de Kanafani, destaques a partir de elementos comuns ali apresentados, sempre conectados à mudança na vida dos palestinos após a Nakba.

4 Em 1967 Israel realiza, através de ofensivas militares aéreas e terrestres, um movimento de expansão territorial, tomando para si a Península do Sinai (antes pertencente ao Egito), as Colinas de Golã (até então pertencentes a Síria) e a Cisjordânia (pertencente à Jordânia). O acontecimento é conhecido historiograficamente como “Guerra dos 6 dias” ou “Guerra árabe-israelense.

O primeiro desses elementos é espacial, e emerge na figura do campo de refugiados. Ambientado nesse cenário, “A criança vai ao campo” traz as memórias da infância de um palestino que aos 10 anos de idade passa as tardes a vagar pelo mercado de vegetais do campo de refugiados com uma cesta à procura dos restos de frutas e verduras não vendidas que possam alimentar sua família que, deslocada pela Nakba, vivia “18 pessoas de diferentes gerações” sob mesmo teto (KANAFANI, 2022, p. 132).

A repetição constante da locução adjetiva “tempos de guerra” e “tempo de hostilidades” é o principal elemento de composição da experiência formativa daquela criança. Essas memórias são ao mesmo tempo de fome e de guerra pois seu narrador as relaciona, como territórios entremeados materialmente e psicologicamente, prefigurando as lógicas do agir daquela criança sempre faminta.

Ao achar cinco libras no chão do mercado de vegetais, o menino tenta a todo custo evitar que seus parentes mais velhos as tomem dele. Ao final do conto um acidente frustra seu esforço, ele sofre uma dupla perda, das libras e das pernas. Dessa maneira o autor expõe a presença de tragédias diárias que incidem na vida das crianças palestinas, onde os planos futuros e a integridade física estão imersos na brutalidade com que acontecimentos trágicos acontecem em “tempos de hostilidade”.

Mas o campo também suscita esperança. Em “Armas no campo”, o casal Abu e Uum Saad⁵ observa orgulhosamente seu filho Saïd fazer discursos e treinar outras crianças para atividades armadas. Esse conto expressa a virada de perspectiva do povo palestino em relação a luta armada. Nele, o casal passa a bendizer e encorajar as crianças em armas, vendo nelas a esperança de mudança do quadro catastrófico que já dura mais de 20 anos. “Se ao menos tivesse sido assim desde o início, nada teria acontecido conosco” (Ibidem, p. 171), diz o esposo, referindo-se a um passado inalterável.

5 Personagem matriarcal de grande simbolismo dos contos de Kanafani, Umm Saad nomeia um dos mais famosos escritos do autor. Ela representa o arquétipo da mãe palestina, ao mesmo tempo que é apresentada como a encarnação daquela terra e nação, trazendo em seus traços e comportamento características ambientais e culturais daquele povo.

O conto termina com Umm Saad sentido o cheiro da primavera no campo de refugiados, observando “a videira florescendo”, ainda que os vegetais tivessem sido plantados naquele dia, nutrido as expectativas de um futuro outro.

O elemento de maior presença nos contos, e não poderia ser diferente, é a resistência às ações coloniais israelitas. Essas histórias se passam, em sua maioria, em meio às ações bélicas de 1948, que consumaram o processo conhecido como Nakba, responsável pelo deslocamento forçado de mais de 700 mil palestinos.

Em “O amigo de Suliman aprende muitas coisas em uma noite”, Kanafani alterna imagens memoriais dos treinamentos militares e a situação presente de um *fida’i*⁶ que, junto de sua aldeia, acaba de ser capturado pelo exército de ocupação. Ao iniciar um interrogatório, o protagonista tenta esconder quaisquer informações que possam colaborar com os interesses daqueles soldados, principalmente sua experiência militar, e agir como um civil numa situação em que tal distinção “civil-militar” pouco ou nada importa.

Calleja (2013, p. 135), estudioso espanhol da violência política, afirma que uma característica que aproxima os episódios de guerra aos genocídios é a diminuição e até mesmo a eliminação da linha que separa civis de militares. Essa distinção, que estrutura as convenções internacionais, é mais uma vez tensionada. Os soldados israelitas, apesar de perceberem a experiência militar na fala e corpo do protagonista, a ignoram, tratando-o como um mero civil. Junto dos outros civis abordados, eles assistem a demolição completa de sua vila e de qualquer uma dessas distinções, exceto a étnica.

Em “Hamid para de ouvir as histórias do tio”, o enredo gira em torno de três amigos palestinos que atacam um posto militar do exército de ocupação e explodem um tanque de guerra. Durante esta ação, um deles, Hamid, perde completamente a audição.

Para explicar tal situação à família, mantendo em segredo o que acabara de realizar, o protagonista conta que após os episódios de 1948 passara a viver em uma mesquita junto de outras

6 Fida’i é o nome dado aos integrantes da resistência armada palestina de orientação nacionalista. O termo é uma abreviação do verbete árabe *fida’iyin* (*fidayeen*), que em livre tradução quer dizer: aqueles que se sacrificam.

pessoas expulsas de suas cidades e vilas. Lá, as histórias de dor e angústia, perda e saudade eram tantas que para fugir da perturbação que tais relatos de lamento e humilhação trouxeram para Hamid, ele “decidiu parar de ouvir” (KANAFANI, 2022, p. 167).

Uma criança em especial protagoniza quatro contos que enfocam as ações de resistência. Ele se chama Mansur e tem 17 anos. Em suas estórias “A criança toma emprestada a arma do tio e vai para o leste até Safad”, “Dr. Qassim conversa com Eva sobre Mansur que chegou em Safad”, “Abu al-Hassan embosca um carro inglês” e “A criança, seu pai e a arma vão para a cidade de Jaddin”, o autor enfatiza a avidez dessa criança que, junto aos homens de sua família e aldeia, objetiva deter a expulsão e tomada das terras e vilas palestinas. A determinação da criança se funde à sua submissão aos laços familiares e materiais pois, sem dinheiro ou prestígio, ela deve pedir emprestado aos adultos a arma que usará para resistir à eliminação de seu povo.

O último conto do livro, “Retorno a Haifa”, se diferencia inicialmente por não ter uma criança protagonista, mas como motivo para o disparar do enredo. Nele, Said e Safiyya aproveitam a abertura das estradas que ligam a área da Cisjordânia a cidade de Haifa, ocorrida em 1967, para, vinte anos depois de terem sido deslocados da cidade durante o evento a Nakba, procurarem o paradeiro de seu filho, que foi esquecido em seu berço na fuga desesperada em meio aos tiros e bombas.

Das diversas histórias trazidas por Kanafani, é nesse conto em que o *continuum* da Nakba se torna mais presente e intenso nas personagens. Para além do filho deixado para trás no calor da fuga, a humilhação das inúmeras perdas: seu primogênito, sua casa, seu território e tantas outras coisas, é constantemente lembrado em todos os atos do casal, principalmente em seus silêncios, onde a decepção se mistura à esperança de um dia – senão retomar – ao menos reencontrar tudo aquilo que fora usurpado.

Ao chegar em Haifa, as memórias que cotidianamente atormentam o casal exercem sua concretude. As mudanças toponímicas e estruturais da cidade se misturam aos flashes memoriais do acontecimento e reacendem a esperança de reencontrar seu filho Khaldun. Essa esperança é ao mesmo tempo consumada e

destruída após o encontro pois Khaldun, hoje Dov, fora adotado e criado por Mirian, uma mulher judia e europeia que recebera a casa antes pertencente ao casal.

A espiral de desilusão do casal se torna ainda maior ao encontrar pessoalmente com o jovem, que se tornara um cidadão israelita e soldado do exército do país. Ao questionar ao filho sobre suas origens é constantemente repetido pelo garoto “o ser humano é uma causa” (Ibidem, p. 237), usando essa afirmação para sustentar que pouco importa sua origem pois sendo ele criado como um judeu assim se comporta e não liga para essa pequena parte de seu passado. Ao final do conto, é Said que repete tal frase, voltando para Ramala com a certeza de que aquele Dov há muito não é mais seu filho, e que cabe aos seus outros rebentos a missão de reparar o passado.

Entre a crueza e a complexidade em que a infância palestina é trazida no livro “Filhos da Palestina”, o que salta aos olhos do leitor é a sua contemporaneidade. Através de Mansur, Hamid, Suliman e até mesmo Dov, Kanafani instaura em sua narrativa o caráter mais do que duradouro, trans-histórico, sobre como os processos coloniais e as guerras de Estado afetam, interrompem e violam a totalidade dos territórios da vida dos povos que a eles estão submetidos, gritando a urgência de freá-los. Se em tal violência sistemática nada é poupado, por que com a infância seria diferente?

REFERÊNCIAS

CALLEJA, Eduardo. **Las guerras civiles**: perspectivas de análisis desde las ciencias sociales. Madrid: Catarata, 2013.